

**CADERNOS MATEUS DOC**

**07**  
**DESVIO**  
DETOUR

**DESVIO**  
*DETOUR*



Mateus  
30, 31 de maio  
01 de junho 2014  
Instituto  
Internacional  
Casa de Mateus

# Introdução

Alexander Gerner e Roberto Merrill

Poderemos nós pensar o conceito de desvio de uma forma interdisciplinar e mais ampla do que apenas um desvio de uma norma que deveria ser cumprida? Neste caderno atendemos não só ao desvio económico, mas também ao potencial político, estético, social, artístico e epistémico do desvio.

Existirão distrações que mais tarde se revelam desvios necessários - temporais e locais - para o desenvolvimento duma aprendizagem mais profunda? Será o desvio contingente? Será o desvio na comunidade científica um dado importante para a descoberta? Que desvios são estes, que se podem nomear trágicos? Será a ficção no cinema um desvio do real? Qual a função complexa de um comportamento que uma sociedade ou cultura declara como socialmente desviante? Haverá desvios dentro do desvio? O que se pode chamar um desvio poético? O caminho essencial da arte será mesmo um détournement? Qual o papel do desvio no melhoramento cognitivo? O desvio potencia a política?

O encontro Mateus Doc VII “Desvio/Detour” foi um convite a estas e outras ideias, lançadas e confrontadas em franca abertura perante tão vasto tema. Das suas repercussões resultam as questões registadas neste Caderno, que em complementaridade e oposição, permitem uma mapear da complexidade do conceito de desvio.

## I Desvios Económicos

O Caderno Mateus Doc VII “Desvio/Detour” abre com uma abordagem ao tema de **Desvios económicos**.

### **Economics and Reality: an essay on deviation**

João Santos

descreve vários exemplos de desvios da expectativa e do poder de previsão de teorias económicas, lançando as questões:

como se caracterizam desvios económicos? Pode uma previsão da macroeconomia desviar-se da realidade microeconómica? Como é que as teorias neoclássicas da economia se desviam da economia ‘real’, quando confrontadas com imprevistas recessões e depressões graves? Poderemos nós pensar o conceito do desvio no contexto de uma ideia esperada ou idealizada, mas que se não confirma como um dado real, como por exemplo na ideia do ‘desvio’ do pleno emprego? E como deverão as autoridades públicas reagir a esses desvios?

### **Economy 3.0**

Rúben Silva Branco

vê o desvio como conceito deficitário entre taxas de crescimento de países. Para Branco, os muitos desvios entre as taxas de crescimento económico entre países prejudicam aqueles que crescem menos no contexto económico internacional. Para o autor, isto significa que na primeira década do século XXI, ‘Portugal acumulou um desvio de 10 pontos percentuais ao caminho de crescimento do ‘mundo mais desenvolvido’’. Esta situação de ‘desvio da meta’ instalada, piora - mais cedo ou mais tarde - a qualidade de vida, baixa os salários, diminui as prestações sociais, retrai investimento da cultura, da educação e da ciência, entre outros efeitos negativos. Desvios são, nesse sentido, causados por ‘actos e interacções irracionais’, ou ‘choques exógenos ao equilíbrio’. Em Branco, a proposta de fazer parte da solução e não do problema é herdeira de um modelo psicológico de ‘atitudes comportamentais’, em que a atitude de uma pessoa em relação a um determinado comportamento é determinado pela sua convicção sobre a recompensa esperada, a crença sobre a sua própria capacidade de executar o comportamento e a sua própria avaliação sobre os resultados produzidos. Nesse modelo os três ingredientes juntos produzem - teoricamente - uma avaliação favorável / desfavorável de um determinado comportamento, formando uma atitude. Interrogamo-nos: Como podem essas ‘atitudes’ ser realizadas dentro um sistema complexo como a economia? Como se traduz em termos práticos essa relação entre política e economia da ‘atitude’? Quais exactamente as atitudes/valores a louvar? Que razão e desvio de razão temos de enfrentar numa ‘Economia 3.0’, idealizada por Branco?

## II Desvios dentro do desvio

### **Juventude Gay, Escola e Culturas: Um olhar desviante para lá da margem** - Hugo Santos et al

problematizam a ideia do ‘comportamento desviante’, numa perspectiva de cidadãos na pluralidade das suas orientações sexuais, jovens estudantes que, devido à sua orientação/identificação sexual, se encontram nas margens, quer da “sociedade heterossexual”, quer num panorama escolar que é normalmente perspectivado como ‘regularmente homofóbico’, seguindo as manobras individuais destes estudantes para o afrontar e desviar, procurando contribuir para uma reflexão mais complexa sobre as margens e os processos dinâmicos da constituição das normas e desvios. Uma importante pergunta a fazer é: será que destes jovens que sofrem bullying homofóbico, alguns já o praticaram? É possível falar-se de diversidade dentro da diversidade, desvios dentro do desvio, e em que sentido é criado, nos estudos sobre marginalidade, um papel da ‘vitima’ de uma forma exagerada e para além da realidade estudada? O desvio dentro do desvio é descrito por exemplo em ‘manobras’ que corporizam estratégias de resiliência e dignidade a partir de exuberâncias. Estes perfis-tipo são, de acordo com Santos et al as expressões do desvio dentro do desvio, do qual uma dessas manobras pode ser chamado ‘disfarce’; uma tática baseada na ignorância e dissimulação de cidadanias do faz-de-conta e pelo auto-controle da imagem da ‘normalidade’ do comportamento, em que eles próprios reproduzem estereótipos negativos sobre a norma, o desvio e sobre os outros.

## III Um pequeno desvio

### **O desvio poético**

Diogo Fernandes

traz ao debate do Mateus Doc VII a pergunta: pode uma tradução de uma obra literária ser considerada um desvio perante dessa obra? O desvio entre duas línguas ou produtos simbólicos também se dá entre a obra que influenciou um escritor e a sua própria obra no acto de a escrever. Para Harold Bloom em ‘A Angústia da Influência’,

a ideia de Lucrécio do ‘clinamen’, de um desvio imprevisível dos átomos, é ligado ao escritor de poesia, que se desvia de uma forma mínima do seu precursor, num pequeno movimento, como aquele que parte em direcção a um novo poema. Para Fernandes, o desvio poético precisa assim da continuidade como condição importante: como mostra Álvaro de Campos em ‘Saudação a Walt Whitman’, ao contrário de uma ruptura ou um solipsismo poético, o desvio literário é resultado de um processo entre o clinamen e a influência, uma interrupção de um trajecto ou uma mudança de direcção. O desvio pode assim, aqui, ser considerado até uma norma no processo de criação literária.

#### **IV A arte como desvio?**

##### **Détournment: até que ponto o desvio pode ser o caminho da essência da arte? - Cláudia Matos Pereira**

Poderá o desvio ser definido como uma mudança de estilo específico à arte moderna? Haverá no processo da arte uma sucessão de desvios rapidamente sobrepostos uns pelos outros? Poderá existir, na mentalidade e cultura de um povo, como Oswald de Andrade desejava na sua proclamada ‘Revolução Caraíba’- uma mudança que represente um desvio formador da identidade? No debate desta edição do Mateus Doc pôs-se em questão se o conceito de Debord ‘detournment’ teria efectivamente por tradução desvio - no sentido de uma transformação/ alteração ontológica ou diferença; ou desvio no sentido de uma reactualização/reutilização diferente de recursos pré-dados?

‘A arte é desvio!’. Esta afirmação ‘provocativa’ por parte de um dos participantes do debate em Vila Real, transformada na questão: será a arte necessariamente um desvio? , acabou por encontrar a sugestão mais aberta da arte como ‘espaço para experimentar o desvio’.

#### **V Desviar para conhecer**

##### **Enhancement as Deviation: Notes on a Philosophy of Enhancement - Alexander Gerner**

Será que se pode explicar o desvio como aprimoramento cognitivo epistémico, como na epistemologia evolutiva de Peirce ou numa distração abstractiva? Quais são as consequências para uma sociedade que impõe um desvio cognitivo como melhoramento social? O melhoramento como desvio pode ser explicado no quadro da saúde no sentido da avaliação da ‘técnica do humano’, como no conceito de >pharmakon<? Estarão os desvios ligados a modos e técnicas de atenção?

## **VI Desvios históricos**

### **História, origem e desvios Angra do Heroísmo 30 anos de Património da Humanidade** - Antonieta Reis Leite

segue a historia da mitigação de uma catástrofe natural, o terramoto que há 30 anos devastou -quase por completo - Angra do Heroísmo, na ilha açoriana Terceira. Concentra-se na reconstrução urbana para pensar o desvio como uma forma urbanística de reinserção, ou um dever de reparar/renovar e preservar o património arquitectónico dos antigos centros urbanos. Com o exemplo do urbanismo evolutivo da Angra do Heroísmo, Leite mostra como se deve encontrar uma síntese em que até comportamentos desviantes podem ser autorizados, e assim chegar a uma posição mais fundamentada, como preparação para futuras intervenções e decisões sobre o património urbanístico que herdámos, escolhendo que desvios devem ser permitidos e de quais se pode e deve abdicar.

## **VII Cinema e Desvio**

### **O verso e reverso do Cinema, a ficção como desvio do real**

Isabel Machado

propõe que qualquer imagem filmada está condenada a ser um desvio do real no sentido de se tornar ficção. Mas ao mesmo tempo, isso significa para a autora que essa imagem é também sempre uma realidade em si, infinitamente desdobrável. Nesse sentido o ‘verso’ e ‘reverso’ do cinema para Machado são

inseparáveis, como num ‘caleidociclo’: o verso pura e simplesmente não existe sem reverso e vice-versa, não pode existir ficção sem real num desvio cinematográfico. Machado consta também que a técnica de filmar é um princípio da transformação da realidade: ‘em que medida a presença da câmara obriga a realidade a desviar-se de si mesma?’.

### **O desvio trágico das heroínas dos filmes de João Canijo**

Liliana Rosa

Qual o desvio dentro do conceito do trágico? Qual é a relação entre o conceito do trágico e o conceito de desvio? Em que sentido se desvia Antígona da lei do homem imposto pelo tio Creonte, desrespeitando-a para cumprir uma lei divina? Qual o desvio que acontece dentro do conceito do trágico quando o transportamos da tragédia grega para os personagens do cinema português, de João Canijo? Como nota Rosa, o filme *Ganhar a Vida* (2000) resulta da adaptação da tragédia “Antígona”, de Sófocles. *Noite Escura* (2004) resulta da adaptação das tragédias “Ifigénia em Áulis”, de Eurípides e “Agamémnon” de Ésquilo.

## **VIII Políticas do desvio**

### **O potencial político do desvio; potência e interrupção**

Filipe Pinto

abre as suas 20 notas acerca do potencial político do desvio com uma frase que liga o desvio a um destino, direcção : ‘Apenas (...) aqueles que têm - destino e direcção podem sofrer desvio. O deambulador - o flâneur - não sofre o desvio; não sofre; quanto muito, acolhe-o.’ Nessa orientação cristaliza-se o potencial de resistência do “desvio como insubordinação do trajecto”, a ‘forma de resistência’ ao pré-programado destino político. Mas será o desvio um conceito do transporte metafórico? Parece que a ideia do desvio ‘interrompe’ um curso corrente, habitual, e como Pinto explica: ‘tudo o que é político interrompe (ou desvia); nem tudo o que interrompe é político’.

**Da contingência**

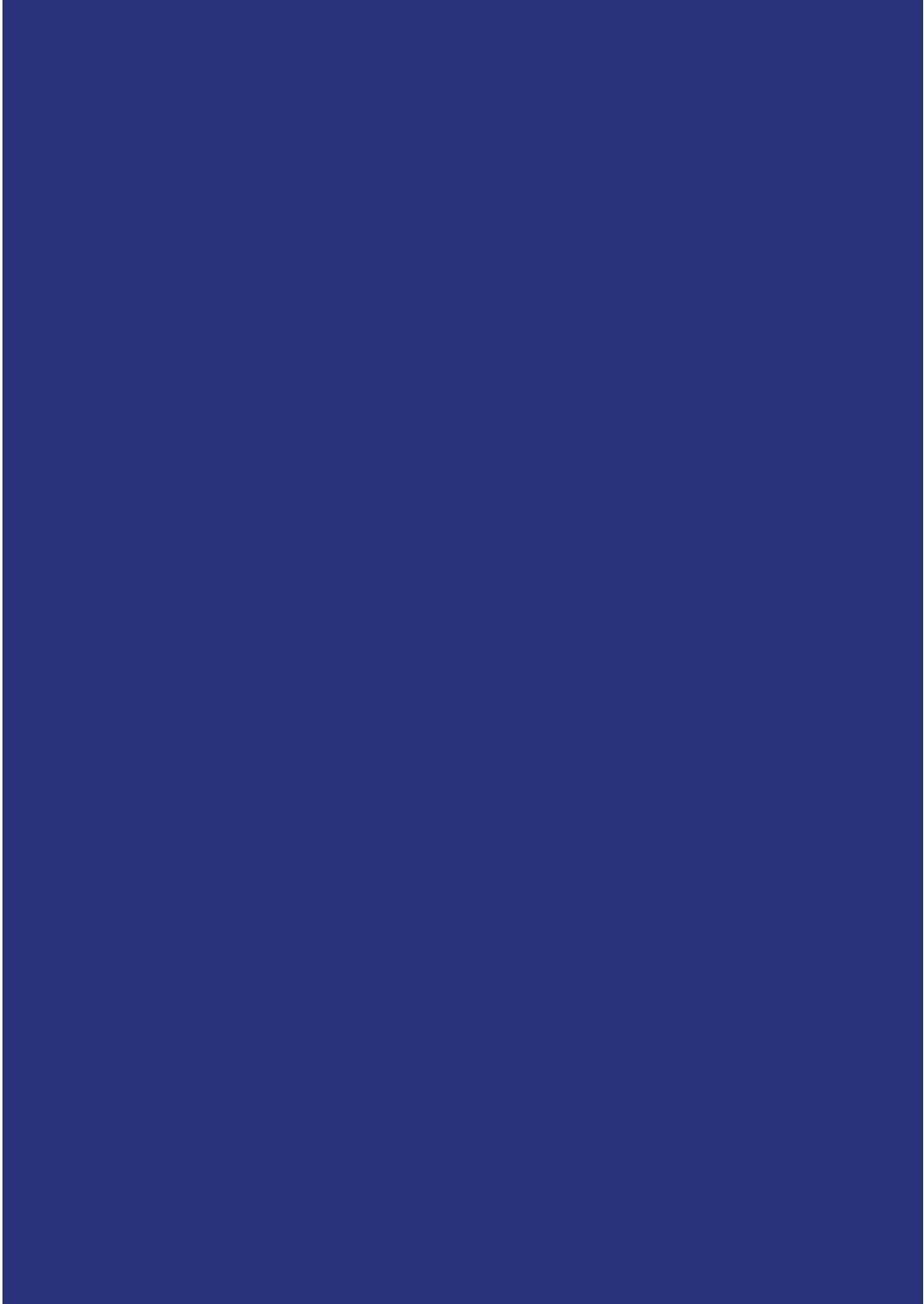
Catarina Patrício

Inspirado em Charles Bukovski explica, num tom menos apocalíptico, mas num forte acento político-performativo, que um ‘desvio final’ é a condição de viver sobre a ameaça da extinção da espécie humana, visando assim uma mudança do status quo político: ‘A extinção é, para o ser humano, um inexorável desvio ao seu insustentável narcisismo teo-político’. Patrício questiona-se assim sobre a metodologia que propõem com um conceito de desvio ‘infinito’: ‘Será, (...) essencial trabalhar sempre com uma metodologia capaz de operar epistemologicamente com a finitude, ou melhor, para além da finitude?’

Como contraponto eufórico a um último desvio performativo infinito, fica a visão de Frank Zappa, como o músico e compositor a ditaria no documentário homónimo de 1971, da importância do desvio da norma, no sentido do avanço colectivo das ideias:

*I think that progress is not possible without deviation. And I think it is important that people be aware of some of the creative ways in which some of their fellow men are deviating from the norm. Because in some instances they may find these deviations inspiring and might suggest further deviations which might cause progress. You never know...*





## VI. Desvios Históricos

### História, origem e desvios. Angra do Heroísmo 30 anos de Património da Humanidade

Antonieta Reis Leite\*

CES Universidade de Coimbra

CHAM Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores

#### **Abstract:**

In 1980 Angra do Heroísmo, a Portuguese medieval new town in the Azorean Terceira island dating back to the last quarter of the Sixteenth century, was almost entirely destroyed by a violent earthquake. About 80% of its buildings fell to the ground and the ones remaining were badly damaged. The death toll stood at 51, although initially there were fears of many more fatalities.

A strong dynamic emerged from this tragedy. Powered by the resilience of the population and by a well-informed regional government, a rebuilding strategy was rapidly imposed. Within four years, and after three UNESCO missions to the island, Angra managed to get the classification of World Heritage, the first urban area in Portugal to achieve that status. In order to regulate the town reconstruction, new and innovative legislation was introduced, and a new municipal department created, charged with the supervision of the project.

These extraordinary circumstances also led to new approaches regarding Angra's urban history. In part to support the UNESCO candidacy, new studies started to emerge, some authored by architects, others conducted by historians or geographers, but all of them emphasizing the exceptional character of Angra's urban plan - one of the first to be established by the Portuguese in its overseas -, and the need to restore its fabric and its buildings.

To this, one must add the strong sense of collective memory that was vital to rebuilding the town 'as it was'. In fact, one of the

\* Antonieta Reis Leite (PhD). Investigadora em pós doutoramento com financiamento FCT SFRH/BPD/93497/2013. Projeto intitulado: 10 Vilas de Fundação nos Açores (séc. XVI). Urbanística e ordenamento do território na colonização do atlântico.

most remarkable aspects of this strategy was how, for the first time in Azorean history, there was no population exodus after a large catastrophe.

30 years have passed since Angra's World Heritage classification and reconstruction. The aim of this paper is to critically reappraise that process.

### **Resumo:**

Passados 30 anos sobre a classificação de Angra (Terceira - Açores) como Património Mundial da Humanidade e 33 sobre o sismo que praticamente a fez desaparecer, vale a pena aproveitar a oportunidade para numa perspetiva construtiva, rever alguns dos problemas (desvios?) associados ao processo de reedificação e classificação da cidade, bem como ao processo contínuo de manutenção e salvaguarda.

São obviamente muitas as temáticas associadas a tais processos e de natureza disciplinar diversa. Não podendo abranger toda a questão, esta comunicação propõe debater a relação entre a história urbana, a urbanística e o urbanismo como valores patrimoniais, bem como a vantagem de aprofundar o seu conhecimento para de modo o melhor informado possível se atuar na preservação sustentável deste bem patrimonial na atualidade.

Em Angra a dimensão destes problemas tem sido de algum modo empolada (e por vezes salvaguardada) pela classificação como Património Mundial. Após anos de tendência para a mimetização como estratégia, que não obstante todos os defeitos garantiu, aliada a uma enorme escassez de meios materiais, a manutenção da escala urbana, limitando a densificação desgovernada, passou-se, nos últimos 15 anos para uma intervenção errática, embalada pelo vai e vem de fundos comunitários e pelas modas do planeamento e da arquitetura, sendo difícil prever as consequências para o futuro.

É pois necessário, mais do que nunca, distinguir o que verdadeiramente merece ser valorizado em Angra e para tal integrar no mesmo discurso a sua história urbana, a sua morfogénese e o

desenvolvimento urbanístico, analisando as “invariantes” do seu processo construtivo, que garantiram a coerência formal do conjunto, mas também os “desvios” permitidos ou, numa linguagem mais dirigida tecnicamente, as “dissonâncias” que contribuíram e contribuem para a montagem da sua imagem, nem sempre próxima do planeado.

Comemora-se ao longo deste ano e até Dezembro próximo, os 30 anos da inclusão de Angra na lista de bens classificados pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade.

Angra, fundada na linha da frente da Expansão atlântica, foi a primeira cidade portuguesa a integrar a então restrita lista, dando expressão a um desejo das autoridades culturais açorianas mas também à necessidade de definição de uma estratégia de reconstrução e salvaguarda imposta pela tragédia de 1 de janeiro de 1980, quando um violento sismo deitou por terra 80% (OLIVEIRA, 1983) do edificado urbano.<sup>1</sup>

Não é especificamente e em exclusivo da fundação da cidade ou do processo moroso e doloroso de reconstrução da cidade que pretendo tratar, tão pouco do processo negocial e legislativo que conduziu à referida classificação. Mas antes fazer uma leitura abrangente sobre o todo da questão, tendo como fio condutor, não a norma e a “invariante” na sua história de tempo longo, mas antes o desvio ao planeado, os momentos de rutura que sintetizam a sequência historiográfica e evolução morfológica de uma entidade complexa que se entendeu classificar como herança de todos.

Contudo, foi a sua forma urbana extraordinária e todo esse contexto de suporte que catapultou Angra para uma posição primordial no âmbito de qualquer estudo sobre a questão da salvaguarda urbana em Portugal pelo que há que fazer um enquadramento do tema, mesmo que breve, esclarecendo desde logo alguns dos desvios observados.

Desvios que se observam, quer na interpretação histórica (de suporte ao processo de classificação) que resulta mais da emergência do momento, do imponderável da tragédia e da necessidade de respos-

1. Um conjunto extenso de dados pode também ser consultado disperso pelas atas da VI semana de estudos dos Instituto Açoriano de Cultura, intitulada: Problemática da Reconstrução - Sismo de 1 de Janeiro de 1980, 2 vols., Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, 1983.

2. A documentação relativa ao processo de classificação está disponível e ordenada cronologicamente em: [whc.unesco.org/en/list/206/documents](http://whc.unesco.org/en/list/206/documents)

3. "Advisory Body Evaluation" in [whc.unesco.org/en/list/206/documents](http://whc.unesco.org/en/list/206/documents)

ta, do que de uma interpretação abusiva e assim propositadamente desviada da realidade. Quer os desvios consentidos no presente, no que toca ao aparentemente restritivo plano de salvaguarda.

Logo no primeiro relatório da missão destacada pela UNESCO para avaliar a candidatura, ainda em 1980, a equipa de técnicos sintetiza o que considera ser verdadeiramente relevante em Angra.<sup>2</sup> Refere, em palavras parcas, as circunstâncias urbanísticas, como a sua malha urbana reticulada ou os edifícios destacados, e claro, não esquece de mencionar o recente sismo e o esforço então levado a cabo pelas autoridades locais que empreendiam já obras de recuperação, mencionando até o valioso espólio fotográfico entretanto recolhido.

Mas o que esse primeiro relatório acima de tudo destaca é o valor histórico de Angra como símbolo da herança cultural coletiva de um período tão importante da história mundial, como a Expansão. Valor aliás reforçado nos relatórios seguintes e finalmente compilado no relatório final de 1982, onde é acentuado. De resto os critérios UNESCO escolhidos para a justificação da inclusão de Angra na lista dão disso mesmo conta:

*Dans le cadre d'une proposition thematique sur 'les explorations maritimes des XVe et XVIe siecles', l'ICOMOS recommande l'inscription d'Angra do Heroísmo sur la liste du Patrimoine Mondial au titre des critères IV et VI.*

*- critere IV : Le port d'Angra, escale obligatoire des flottes de l'Afrique et des Indes en plein Ocean Atlantique, est l'exemple eminent d'une creation liee a la fonction maritime, dans le cadre des grandes explorations.*

*- critere VI : comme la tour de Belem et le couvent des Hieronymites de Lisbonne, comme Goa, Angra do Heroísmo est directement et materiellement associee a un evenement ayant une signification historique universelle : l'exploration maritime qui permet les échanges entre les grandes civilisations de la planète.<sup>3</sup>*

Não obstante, ao invés dos anteriores, o relatório de 82 conducente à classificação, acrescenta um parágrafo acerca do potencial valor urbanístico do tecido central de Angra, palavras que em

simultâneo deixam antever a importância deste estudo de caso para a história do urbanismo português, mas também, em boa verdade, o pouco que se sabia então sobre a morfogénese e evolução da malha urbana angrése. De resto, à semelhança do pouco que se sabia sobre as outras vilas açorianas, sobre as outras vilas atlânticas, ou seja, o pouco que se sabia sobre a cidade portuguesa<sup>4</sup> da Expansão.

Vale a pena, por isso, analisar essa parte do texto que acabou por moldar o que a partir daí se disse sobre a malha urbana de Angra.<sup>5</sup>

*Le site, admirablement choisi par les premiers navigateurs, était protégé des vents dominants par une série de collines et de nomes; le port comportait deux bassins naturels, celui du Fanal et celui de l'Ancre (Angra) qui donna son nom au village. Un système défensif inexpugnable fut mis en place dès la fondation avec les grandes forteresses de São Sebastião et de São Filipe (appelée aujourd'hui São João Baptista). Simultanément, l'implantation de la ville se décidait, sur la base d'un tracé original: le plan en damier caractéristique des villes neuves s'infléchit ici pour tenir compte des vents dominants. Angra do Heroísmo offre ainsi un exemple peut-être unique d'adaptation d'un modèle urbanistique à des conditions climatiques particulières. On conjecture, non sans vraisemblance, que ce choix fut imposé par les navigateurs et leurs cartographes.*<sup>6</sup>

O texto começa por ressaltar a admirável escolha do sítio onde Angra se implantou, para em seguida concluir que tal se deveu à sabedoria dos primeiros navegadores que aportaram no local, admitindo no fim que o traçado regular se deveria ao labor dos cartógrafos que os acompanhariam e que em conjunto com as fortalezas Modernas programadas para a baía sintetizavam um plano original.

Tal visão da cidade, produzida com base nas escassas fontes então disponíveis e buscando a acreditação superior, surge algo efabulada, certo é que acabou por influenciar as narrativas posteriormente elaboradas sem que uma revisão crítica das fontes entretanto trazidas a lume pela historiografia do urbanismo, pela historiografia açoriana, e pela historiografia da Expansão tivesse sido feita, assumindo o que nesse relatório se escreveu como uma fonte de verdades irrefutáveis.

4. Veja-se: Rossa/Trindade (2006). Artigo reenquadrando com nova amplitude na tese de Trindade (2009) Urbanismo na composição de Portugal, Dissertação de doutoramento na área de História, especialidade de História da Arte, Coimbra, FLUC, 2009 com o título "a construção do conhecimento da cidade medieval portuguesa", tese entretanto publicada em 2012, Veja-se também a listagem bibliográfica reunida e comentada por Teixeira (2008). Enquanto conceito cidade portuguesa foi entretanto revisto, depois de em 2005 Walter Rossa ter reformulado a questão apresentando o tema na perspetiva da construção do conceito, com "A construção da cidade portuguesa", (cf Rossa, 2002: 193-359) que trouxe a debate nas provas de agregação o tema da cadeira leccionada ao curso de doutoramento Patrimónios de Influência Portuguesa dedicada ao tema "a desconstrução da cidade portuguesa". Walter ROSSA, Relatório da disciplina: Construção da Cidade Portuguesa (...); Walter Rossa, desconstrução da cidade portuguesa: urbanização e conceito, unidade curricular do 4º semestre do Programa de Doutoramento

Patrimónios de Influência Portuguesa, Coimbra, Centro de Estudos Sociais e Universidade de Coimbra, 2012. (policopiado). A expressão cidade portuguesa foi utilizada pela primeira vez por José Manuel Fernandes (1987: 79-112), contido de forma mais dirigida ao enquadramento geográfico, como bem expressa o título.

5. Sobre este assunto, ainda que sem incluir a importância historiográfica agora atribuída aos relatórios UNESCO veja-se: Antonieta Reis Leite, Açores Cidade de Território. Quatro vilas estruturantes, Tese de doutoramento na área de Arquitetura, especialidade de Teoria e História da Arquitetura, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2012 (policopiado).

6. "Advisory Body Evaluation" in whc.unesco.org/en/list/206/documents

7. Efetivamente a partir dos anos 80 do século passado observa-se uma dinamização historiográfica a que não será alheia a criação, na década anterior, da Universidade dos Açores e da Secretaria Regional de Educação e Cultura no contexto da fundação do regime autônomico

O facto é que Angra se tornou um objeto de estudo mais apetecível após a candidatura a património mundial e não são poucos os trabalhos que integrados em obras de carácter mais abrangente sobre a urbanística e o urbanismo portugueses, ou exclusivamente referentes à cidade dedicam páginas à anunciada originalidade do plano angrense.<sup>7</sup>



**Fig. 1** Jacques Nicolas BELLIN (1764), “Porte et ville d’Angra dans L’isle Terceira [Coleção Particular]

É comum ler-se que Angra se “estrutura num desenho renascentista”, ou até que Angra é o primeiro plano urbano renascentista português, admitindo a generalidade das interpretações que o seu traçado parte do cruzamento de dois eixos principais, Rua da Sé e Rua Direita, sobre o qual se implantaria desde o início uma praça central. A ortogonalidade do plano dever-se-ia à sucessão de ruas traçadas a partir desses eixos. (Fernandes, 1989; 2008 e Teixeira, 2001)

Em grande medida esta leitura sobre o espaço urbano de Angra assenta na observação do mais antigo retrato que se conhece da cidade, a carta de Linschoten, datada da última década do século XVI. Mas segundo se entende da documentação disponibilizada

pela UNESCO, o primeiro relatório não se fundamentou neste desenho mas sim na carta setecentista de Jaques Nicolas Bellin que acompanhou o documento essencialmente como elemento ilustrativo. [fig.1 e 2]

e do I Governo Regional dos Açores, donde nasceu, nomeadamente, uma profícua política editorial.

Num à parte, note-se aliás como entre o primeiro e último relatório não é apenas a descrição da malha urbana que aparece mais elaborada, como também a área de classificação é revista e ampliada, coincidindo a versão final com todo o espaço urbano desenhado por Linschoten, resultando portanto bastante maior do que o proposto inicialmente que apenas incluía a unidade morfológica reticulada. Bem mais recentemente, em 2004, foi acrescentado ao perímetro classificado uma área de proteção da zona classificada.



**Fig. 2** Excerto de: Jan Huygen van LINSCHOTEN (1596) “A Cidade de Angra na Ilha de Iesu Xpo da Terceira Que Esta em 30 Graos ...” [ PT-TT-CRT-196]

De volta à imagem produzida pelo holandês Linschoten, quando a cidade contava já mais de um século de história, e que seguramente sustentou o relatório final da UNESCO, veja-se como apresenta uma malha urbana já consolidada, com um traçado viário praticamente coincidente com o atual.

Todavia a verdade é que a cronologia conhecida e factual referente à história da cidade, bem como a própria estruturação interna da malha, aconselha a que se olhe para o todo como produto



de um crescimento faseado, não obstante planeado, mas com o pragmatismo e flexibilidade suficientes para que a malha se adaptasse às funções que progressivamente Angra veio a adotar, permitindo o plano diversos desvios.

Angra, a sua essência urbanística e o seu carácter especial, só podem ser devidamente entendidos se, sem preconceitos, se aceitar analisar o seu tecido urbano, bem como a cultura que o produziu, num quadro de construção histórica e não numa perspectiva de rutura e modernidade forçada.

Fundada como Vila, cerca de 1474, foi escolhida para sede da diocese dos açores em 1534 e elevada a cidade nesse mesmo ano. Entretanto era já casa da Provedoria das Armadas (a força que comboiava a frota da Carreira das Índias na sua aproximação à Europa) desde 1522 e desde os primeiros anos de 500 Alfândega primaz dos Açores era ainda base para o correedor régio, o que no conjunto atesta a seu enorme potencial estratégico ao longo das várias fases de construção do Império português, mas também a passagem por diferentes estádios de urbanidade, aos quais, obviamente terão correspondido diferentes materialidades e conseqüentemente diferentes imagens urbanas.

Cai pois por terra a ideia de que Angra foi uma cidade fundada e construída com um propósito único, fechado e inflexível, definido de raiz e do qual teria resultado a sua excecional forma. A experiência de colonização açoriana, de resto à semelhança de toda a Expansão fez-se de avanços e recuos, de incertezas e experimentação e muitos desvios, que deixaram marcas no território. O que não significa, de todo, a ausência de plano, de caminho.

Tudo isto em nada diminui a importância de Angra no contexto do Universo Urbanístico Português. Pelo contrário, foi pelas ilhas atlânticas próximas e também por Angra, que começou a colonização ultramarina, servindo esta como uma das primeiras experiências e assim de exemplo para processos de ocupação futura. Tal como a experiência continental de colonização interna de Portugal medieval terá servido para informar o processo de ocupação das ilhas e a formação dos seus espaços urbanos, numa

lógica de continuidade entre antecedentes e consequentes da cultura do território portuguesa.

É, aliás, de destacar a comprovação da utilização nas ilhas de programas urbanísticos de fundação, semelhantes nos procedimentos aos que a tradição urbanística medieval divulgara também em Portugal continental nos séculos precedentes, mas tal como nos originais continentais sempre diversificados na morfologia final.<sup>8</sup>

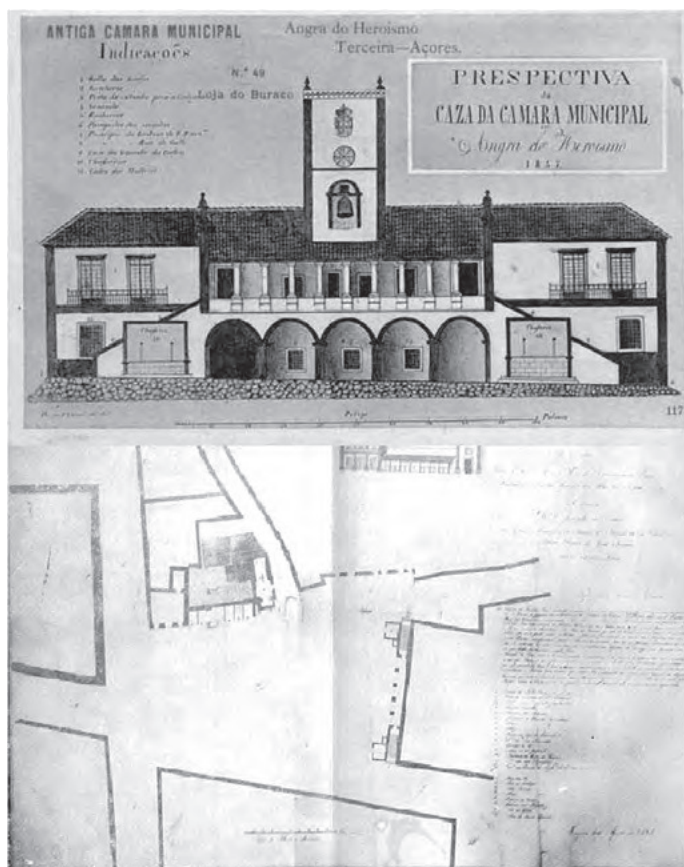
Como se a lógica não bastasse para se esperar que assim fosse, também os resultados da investigação recente, levada a cabo no âmbito do doutoramento o vieram demonstrar, de forma particularmente clara aqui em Angra (mas também noutras vilas açorianas), associando defesa, casario e igreja matriz, tal como dois séculos antes no continente se programava uma povoação nova. (Leite, 2012)

Comprova-se assim, em primeiro lugar, que Angra nasceu desde início dotada de um plano, que esse plano nasce de uma tradição urbanística que, mais do que um modelo inflexível que não aceita desvios, assenta num programa de morfologia adaptativa ao terreno. E que esse modelo permite reconhecer a origem e a matriz cultural da forma urbana pela imposição do referido programa base, garantindo ao mesmo tempo a sua singularidade e autenticidade.

A reconhecida autenticidade que, de resto, trouxe Angra para a linha da frente da historiografia do urbanismo português.

Vale, por isso, a pena olhar com um pouco mais de pormenor para esse plano e descortinar os momentos de mudança, ou desvio, a que correspondem também as suas sucessivas fases de crescimento e transição urbana. E perceber, quase de repente, que o plano “renascentista” aparentemente opaco e inflexível de Angra, revela a sua morfogénese adaptativa, herdada da tradição medieval e que perdurará na cultura do território portuguesa por muitos séculos.

8. Sobre os programas urbanísticos de fundação de cidade na Idade Média consulte-se a obra de Luísa Trindade supra citada.



**Fig. 3** O edifício da Câmara e a Praça de Angra, depois de 1610 e antes das obras oitocentistas, em Postal da Loja do Buraco (1849) [Coleção Particular]

Nesse âmbito ressaltar, de entre outros, dois momentos maiores de intervenção urbanística. (Leite, 2012) A implantação da Sé na malha já estabilizada (a partir da década de 60 de seiscentos) e a abertura da Praça programada em 1610 (mais de 100 anos depois da fundação de Angra). Momentos e obras marcantes que souberam qualificar e adaptar aos contextos de diferentes épocas o plano. Desvios consentidos e necessários à modernização da cidade, tão bem integrados que à primeira vista (vejam-se os citados relatórios UNESCO) até pareciam parte integrante, desde sempre, desta estrutura urbana.



1 - Capela de Nossa Senhora do Rosário

esc. 1:2000

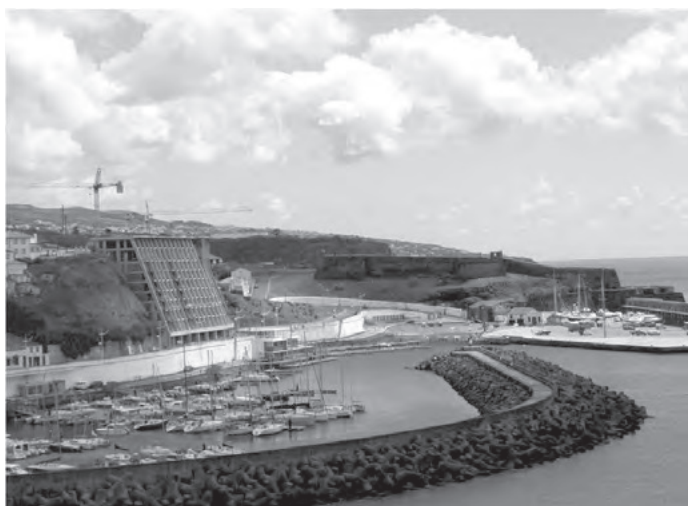
**Fig. 4** Hipótese de inserção da desaparecida Igreja de São Salvador. A dimensão e contorno do volume proposto foram desenhados a partir da matriz da Praia. [desenho de A. Reis Leite 2012]

Mas ressalto também outros desvios, mais recentes, datados de um tempo em que a cidade estava já dotada dos instrumentos de planeamento (com força de lei) para a defender e em teoria garante, não da sua estagnação, mas da sua valorização.

Refiro-me em concreto, de entre um conjunto mais vasto de intervenções “dissonantes”, à construção da marina (e do seu hotel) e à nova biblioteca. Obras, com um enorme impacto, cuja inclusão acrítica veio transformar de forma profunda e estrutural o plano e a paisagem urbana de Angra.

Não pretendo enveredar pela crítica de arquitetura, e se possível prefiro apenas analisar a influência desviante destas obras no plano urbano que, ao contrário dos projetos de arquitetura, raramente tem autor. É que se a famosa lei da persistência do plano insiste em manter-se passados quase 500 anos de história, o contacto com a realidade sugere ao objeto de construção coletiva

que é a cidade, neste caso classificado como patrimônio mundial, uma contínua mutação.



**Fig. 3** Vista sobre a marina e hotel ainda em construção [A. Reis Leite 2011]



**Fig. 4** Imagem aérea assinalando o lote de implantação do edifício da nova biblioteca [tratamento de imagem aérea de A. Reis Leite 2014]

Serve este conjunto de reflexões para em torno do tema da evolução morfológica de Angra, em torno da questão da salvaguarda do património e de um conjunto sugestivo de imagens históricas e atuais debater temas concretos que merecem ser trazidos à luz e à crítica, nomeadamente:

Como se espera que o plano de Angra se comporte hoje e no futuro?

Que mecanismos (de salvaguarda) existem para controle dos ímpetos políticos e/ou sociais permanentes? Para que servem esses mecanismos? E quem os deve gerir?

É a “arquitetura de autor” compatível com a salvaguarda do plano consolidado, coerente e classificado de Angra?

Em síntese que comportamentos desviantes podem ser autorizados, tendo sempre presente que é sobre a cidade contemporânea que se trabalha (pois o território de hoje foi também o de ontem) mas que é também para ela e para o seu futuro que pode operativamente contribuir a investigação no sentido de efetivamente se conhecer o objeto, para melhor informar futuras intervenções e decisões sobre o património urbanístico que herdámos, escolhendo que desvios devem ser permitidos e de quais se pode e deve avisadamente abdicar.

## **Bibliografia**

**Fernandes**, José Manuel (1987), “O Lugar da Cidade Portuguesa”, Povos e Culturas - A Cidade em Portugal : Onde se Vive, Lisboa, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa - Universidade Católica Portuguesa, no2, pp. 79-112.

**Fernandes**, José Manuel (1989), Angra do Heroísmo, Lisboa, Editorial Presença.

**Fernandes**, José Manuel (2008), Angra do Heroísmo. Aspectos urbano-arquitetónicos, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura.

**Leite**, Antonieta Reis (2012), Açores Cidade de Território. Quatro vilas estruturantes, Tese de doutoramento na área de Arquitetura, especialidade de Teoria e História da Arquitetura, Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, (policopiado)

**Oliveira**, Carlos Sousa, Arcindo Luca, J.H. Correia, Guedes (1992), 10 Anos Após o Sismo dos Açores de 1 de Janeiro de 1980, 2 vols, Secretaria Regional da

Habituação e Obras Públicas e Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa.

**Rossa**, Walter (2002) “A cidade portuguesa”, A Urbe e o Traço. Uma década de estudos sobre o urbanismo português, Coimbra, Almedina, pp. 193-359.

**Rossa**, Walter/ Luísa Trindade (2006), “Questões e antecedentes da ‘cidade portuguesa’: o conhecimento sobre o urbanismo medieval e a sua expressão morfológica”, Murphy. Revista de História e Teoria da Arquitectura e do Urbanismo, Coimbra, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade de Coimbra, nº1, pp. 70-109.

**Rossa**, Walter (2012), desconstrução da cidade portuguesa: urbanização e conceito, unidade curricular do 4º semestre do Programa de Doutoramento Patrimónios de Influência Portuguesa, Coimbra, Centro de Estudos Sociais e Universidade de Coimbra,. (policopiado)

**Teixeira**, Manuel/ Valla, Margarida (2010), O Urbanismo Português - séculos XIII-XVIII Portugal-Brasil, Lisboa, Livros Horizonte, Lisboa.

**Teixeira**, Manuel (2008), “O estado da arte da investigação urbana em Portugal. A investigação dos núcleos urbanos de língua portuguesa no mundo”, <http://revistas.ceurban.com/numero8/artigos/manuelcteixeira.htm>, consultado a 06.08.2010.

**Trindade**, Luísa (2013), urbanismo na composição de Portugal, Coimbra, Imprensa da Universidade.

VI semana de estudos dos Instituto Açoriano de Cultura (1983), Problemática da Reconstrução - Sismo de 1 de Janeiro de 1980, 2 vols., Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo.

[www.unesco.org/en/list/206/documents](http://www.unesco.org/en/list/206/documents)